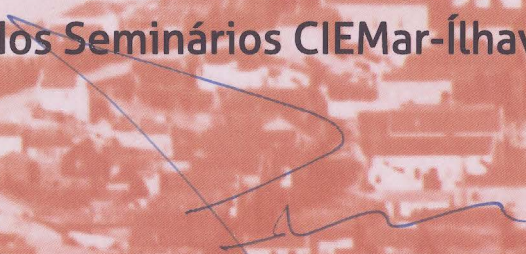


Desafios do Mar Português

Certificado

Certifica-se que _____
participou como orador no seminário "A Praia: Fronteira com o Mar", que
decorreu no Museu Marítimo de Ílhavo, no dia 21 de outubro de 2014, no
âmbito dos Seminários CIEMar-Ílhavo "Desafios do Mar Português".



Fernando Fidalgo Caçoilo
Presidente da Câmara Municipal de Ílhavo

A praia no turismo e no cinema

Sofia Sampaio (Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) / ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa)

[Debate]

[13h00-14h30] Pausa para almoço

[14h30] PAINEL II - A praia hoje e no futuro

(moderador: Casimiro Pio)

Mudanças Climáticas, Costeiras e Sociais

Luísa Schmidt (Instituto de Ciências Sociais)

Planeamento Territorial e Ambiente em contextos estuarinos

Teresa Fidélis (CESAM – Universidade de Aveiro)

Dinâmicas de lazer no Litoral Alentejano

António Martins Quaresma (CIDEHUS – Universidade de Évora)

[Debate]

[Pausa para café]

[16h00] PAINEL III - Estratégias de intervenção em zonas costeiras

(moderador: Paulo Costa)

As mudanças nas praias da região de Aveiro

Vasco Ramalheira (Associação de Surf de Aveiro)

A aposta na massificação vs o turismo sustentável

Pedro Machado (Turismo do Centro de Portugal)

Política litoral e o Mar

Manuela Matos (Vice-presidente do Conselho Diretivo da Agência Portuguesa do Ambiente, I.P.)

[Debate]

[Encerramento]

Maria da Assunção Araújo

O litoral como interface entre o Ar, Terra e o Mar: Complexidades e fragilidades

A geomorfologia estuda as formas de relevo que se desenvolvem à superfície da Terra. De um modo geral, as formas do relevo resultam da interação dos fenómenos atmosféricos com superfície da Terra. Essa interação é mediada pela Biosfera (solos, vegetação...),

Quando falamos da zona costeira há um outro factor muito importante que torna bastante mais complexa a evolução e interpretação da paisagem.

Tratando-se de uma faixa de contacto com o mar, este não só interfere através da sua dinâmica própria (ondas, correntes e marés), por sua vez influenciada pelas condições meteorológicas, como também de uma forma mais subtil e a mais longo prazo, através das variações do nível do mar que se fizeram sentir durante o tempo geológico, a diversas escalas crono-espaciais.

Para exemplificar a importância da situação atmosférica nada melhor do que as sucessivas tempestades que se fizeram sentir na costa portuguesa durante o inverno de 2014. Tratou-se de ondas muito altas e com um grande período que originaram fenómenos de inundação e de erosão acentuada em muitos pontos da costa portuguesa.

Acresce a isso o facto de se terem sucedido diversas tempestades, com intervalos curtos. Por isso as praias não puderam regenerar-se. Pelo contrário, estiveram expostas repetidamente a uma ondulação muito energética, numa situação de debilidade cada vez mais acentuada.

Todavia nem todas as tempestades foram igualmente destruidoras. Foram-no, sobretudo, aquelas em que o pico da ondulação coincidiu aproximadamente com marés altas ou com marés altas vivas. No fundo é a coincidência de vários factores que cria "a tempestade perfeita".

O nível do mar está sempre em mudança. As variações do nível do mar acontecem em escalas muito diversas. Desde as marés (vivas, mortas, equinociais), passando por sobrelevações de origem meteorológica (storm surges). Porém, há variações mais longas que vão acontecendo ao longo das décadas ou dos milénios. Muitas delas são provocadas por variações climáticas. Outras, de período muito longo (dezenas/centenas de milhões de anos), são devidas à movimentação dos continentes (tectónica de placas: abertura/fecho de novos oceanos).

Uma vez que as variações do nível do mar são medidas, geralmente, em relação a um ponto, supostamente fixo (marégrafo), se o local onde o marégrafo se implanta estiver a sofrer algum movimento (tectónica/isostasia) as variações do nível do mar poderão ter sentidos aparentemente opostos (exemplo: Estocolmo/Cascais). Por isso as variações do nível do mar devem considerar-se sempre relativas.

As características do continente que entra em contacto com o mar definem muito da sua fisionomia: as costas rochosas apresentam uma imensa variedade, muito ancorada na respectiva litologia. Os litorais arenosos das regiões tropicais são muito diferentes dos litorais das regiões temperadas ou das regiões que sofreram glaciações no Quaternário. Em muitos casos, as

paisagens que observamos são heranças de climas vigentes durante as glaciações do Quaternário (fiordes) ou de um diferente posicionamento do nível do mar (praias levantadas).

O estudo da zona costeira tem que levar em conta toda essa dinâmica, que se torna particularmente relevante quando se pretende intervir na linha de costa ou na sua proximidade construindo portos, defesas costeiras ou mesmo hotéis.

Sabemos que a combinação aleatória de diversos factores pode originar situações muito gravosas, como aquelas que se verificaram no último inverno na costa portuguesa.

O princípio da precaução deveria nortear todas as intervenções na zona costeira que funciona sempre como um todo dinâmico onde qualquer intervenção num local pode ter repercussões em áreas adjacentes ou mesmo em sectores situados a distâncias significativas.

Maria da Assunção Araújo é Professora catedrática da FLUP desde Setembro de 2007.

Iniciou a sua carreira de docente universitária em Julho de 1976.

Tem leccionado diversas disciplinas, geralmente na área de Geografia Física.

Em 1991 defendeu uma tese de doutoramento intitulada "Evolução geomorfológica da plataforma litoral da região do Porto".

Os seus interesses científicos englobam a Geomorfologia e o estudo do Quaternário, tendo uma especial predilecção pelo estudo dos terraços marinhos e da sua possível afectação pela tectónica recente (neotectónica).